

AMBIENTE E MODO DE VIDA SUSTENTÁVEL: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DE ARTESÃS DA REGIÃO DO VALE DO TAQUARI-RS

Bernardete Bregolin Cerutti¹ e Valdir Jose Morigi²

Resumo: Este artigo traz reflexões sobre meio ambiente e modo de vida sustentável. Parte de um estudo realizado, em 2009, em Lajeado-RS, com um grupo organizado de mulheres artesãs participantes da Associação dos Artesãos do Alto Taquari, no Vale do Taquari-RS, com o objetivo de compreender como as práticas do trabalho artesanal feminino auxiliam na preservação do meio ambiente e na construção de um modo de vida sustentável. A pesquisa usou a metodologia de abordagem qualitativa, tendo por finalidade identificar o perfil e as narrativas das artesãs a respeito de suas práticas na construção de ações sustentáveis. Observou que as práticas artesanais fazem parte de uma rede social na qual os atos de reciclar, reutilizar, reaproveitar e participar possibilitam a transformação das consciências e ajudam a minimizar os impactos da ação humana no meio ambiente, em direção a um modo de vida sustentável.

Palavras-chave: Ambiente. Modo de vida sustentável. Práticas do trabalho artesanal feminino.

ENVIRONMENT AND SUSTAINABLE WAY OF LIFE: REFLECTIONS ON PRACTICES OF ARTISANS FROM TAQUARI VALLEY REGION-RS

Abstract: This paper is about reflections on environment and sustainable way of life. It is based on a study carried out in 2009, in Lajeado-RS, with a group of organized women artisans belonging to the Association of Artisans of the Taquari Valley, in the Taquari Valley-RS. It aims at understanding how practices of female craftwork help to preserve environment and build a sustainable way of life. The research used the qualitative approach methodology on the purpose of identifying the artisans' profile and their reports about their practices in the construction of sustainable actions. It was observed that craftwork is part of a social network in which recycling, reusing, reprocessing, and participating make the transformation of consciousness possible and help to minimize the impacts of human action on environment leading to a sustainable way of life.

Keywords: Environment. Sustainable way of life. Practices of female craftwork.

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento (PPGAD), Linha de Pesquisa Espaço, Ambiente e Sociedade, do Centro Universitário Univates.

2 Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo, Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do Centro Universitário Univates.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo parte dos pressupostos de que os recursos da natureza frente ao crescimento econômico são esgotáveis e de que o homem também é responsável pela crise ambiental atual. Como único ser capaz de intervir de forma a preservar o meio em que vive e que deste necessita, ações práticas do homem de reduzir o consumo, reutilizar e reciclar materiais podem contribuir para um modo de vida sustentável. No entanto, a construção de um modo de vida sustentável só se torna possível com a participação de uma rede social composta de diversos atores sociais, entre eles as mulheres.

Ao longo da trajetória de lutas por justiça, igualdade social e equidade de gênero, a mulher vem conquistando espaços. Um desses espaços é representado pela sua presença no mercado de trabalho em atividades artesanais, seja de forma autônoma, seja vinculada a uma associação, cooperativa ou pequena empresa. Além de se constituir em valor econômico, cultural e social, essa atividade possibilita um outro tipo de relação com o ambiente, ligada à preservação de costumes e à consciência ecológica, por meio da reciclagem de materiais.

A metodologia de estudo de caso, com abordagem qualitativa, foi realizada em 2009, em Lajeado-RS, com um grupo organizado de nove mulheres participantes da Associação dos Artesãos do Alto Taquari³. As técnicas de pesquisa utilizadas foram entrevistas semiestruturadas e diário de campo, com imagens fotografadas e observações das práticas do trabalho artesanal. Quanto ao perfil, as artesãs apresentam idade entre 30 e 60 anos, predominando o nível de escolaridade de ensino médio completo. Nelas destacam-se os papéis que desenvolvem: o papel tradicional, em seu espaço privado, como esposa, mãe e responsável pelo cuidado da casa, e o papel mais atual como trabalhadora, com presença na esfera pública.

A partir dos dados coletados procurou-se analisar como as práticas do trabalho artesanal feminino podem contribuir para a preservação do meio ambiente e para a construção de um modo de vida sustentável. As práticas artesanais fazem parte de uma rede social na qual os atos de reciclar, reutilizar, reaproveitar e participar possibilitam a transformação das consciências e ajudam a minimizar os impactos causados pela ação humana no meio ambiente, focando um modo de vida sustentável.

3 A expressão "Alto Taquari" e a "Baixo Taquari" são autodenominações históricas empregadas para identificar as cidades da região a partir de seu relevo. Daí o nome da Associação dos Artesãos do Alto Taquari. Com a criação dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDES) pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Lei nº 10.283, de 17 de outubro de 1994, e Decreto nº 35.764, de 28 de dezembro de 1994, a denominação da região foco deste estudo é Vale do Taquari, razão do título do presente artigo.

2 AMBIENTE E MODO DE VIDA SUSTENTÁVEL: DA VISÃO ECONOMICISTA À VISÃO INTEGRADORA

As discussões teóricas sobre a crise, os problemas ambientais e a sustentabilidade geralmente estão associadas aos limites para o crescimento econômico contínuo, envolvendo profundas reflexões a respeito da ação humana sobre a natureza e sobre a validade do crescimento e da industrialização.

Assim, por décadas, o debate sobre as questões ambientais teve como principais âncoras o conceito de desenvolvimento sustentável e os níveis de produção e de crescimento da riqueza, numa visão economicista e administrativa da exploração dos recursos naturais, as quais na atualidade começam a perder centralidade. Economistas como Lewis, Hirschman, Myrdal e Nurkse admitem que o crescimento é condição indispensável para o desenvolvimento, mas não é condição suficiente (SOUZA, 1999).

Os anos 60 assinalam o início da politização do debate acerca não só do modo de produção, mas, fundamentalmente, o questionamento sobre o modo de vida. As discussões ganharam tanta intensidade que, em meados de 1960, profissionais de diferentes áreas de formação e países se reuniram, em Roma, para uma análise que constatou que a sustentabilidade do planeta estava abalada, pois a demanda por matérias-primas e os elevados níveis de consumo dos recursos naturais estavam incompatíveis com a capacidade de reposição da natureza e de absorção dos resíduos dessa produção pelo planeta.

Esse grupo de profissionais ficou conhecido como "Clube de Roma", formado por chefes de estado, economistas, ambientalistas, pedagogos, humanistas, industriais, banqueiros, líderes políticos, cientistas, entre outros, que se reunia para analisar a situação mundial e disponibilizar diagnósticos e alternativas para o futuro da humanidade.

O primeiro diagnóstico do Clube de Roma, em 1968, concluiu que o mundo teria que diminuir a produção, para que os recursos naturais fossem menos comprometidos e houvesse redução gradual dos resíduos, especialmente do lixo industrial. Essa sugestão não foi aceita, na época, pois era preciso modificar o modelo de crescimento que o mundo havia adotado. O Clube de Roma continuou produzindo estudos, entre eles, um de grande impacto, denominado "Limites do Crescimento", publicado em 1972, por Dennis L. Meadows e os demais membros do Clube, afirmando que os limites do crescimento no planeta seriam alcançados em um século e que, para haver estabilidade econômica e ecológica, era preciso congelar o crescimento populacional e o capital industrial (CAVALCANTI, 1995).

Essa tese foi criticada por intelectuais dos países do Sul e por Robert M. Solow⁴, ganhador do prêmio Nobel em Economia. Entretanto, a publicação do Clube de Roma culminou, no mesmo ano, com a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, que congregou mais de 110 países, entre eles, o Brasil. O evento, popularmente conhecido como a “Conferência de Estocolmo”, possibilitou a primeira grande discussão internacional sobre o meio ambiente (CAVALCANTI, 1995).

Até então a noção do desenvolvimento sustentável não tinha surgido, pois os movimentos estavam focados na preservação do ambiente (ALMEIDA, 2002). Foram os debates em torno do ecodesenvolvimento⁵, surgido em 1973, que abriram espaço para pensar sobre o critério de sustentabilidade, quando questionado sobre como conciliar crescimento econômico e preservação do meio ambiente (CAVALCANTI, 1995; SATO; SANTOS, 1996; ALMEIDA, 2002).

A Declaração de Cocoyok, em 1974, e o Relatório Dag-Hammarskjöld, em 1975, também trazem reflexões, destacando a interligação entre explosão populacional, pobreza, consumo exagerado dos países industrializados e abuso do poder com a degradação ecológica. Embora a aceitação desses dois relatórios não tenha sido expressiva, provavelmente por suas posições radicais, eles motivaram a criação, em 1983, da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Assembleia Geral das Nações Unidas. Essa Comissão ficou conhecida como “Comissão Brundtland”, em homenagem à primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland (PANAYOTOU, 1994)⁶.

A Comissão Brundtland teve o mérito de induzir uma reflexão mais profunda sobre as causas dos problemas socioeconômicos e ecológicos da sociedade global, evidenciando a interligação entre economia, tecnologia, sociedade e política.

4 Economista norte-americano de pensamento neoclássico, foi laureado em 1987 com o Prêmio de Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel. Criou um modelo matemático que demonstrava como vários fatores interagem, contribuindo para gerar o crescimento econômico sustentado num país. Demonstrou pela primeira vez que avanços no ritmo de progresso tecnológico contribuem mais para o crescimento econômico do que o aumento dos capitais ou da força de trabalho.

5 Foi o canadense Maurice Strong, em 1973, quem usou pela primeira vez o conceito de ecodesenvolvimento para caracterizar uma concepção alternativa de política do desenvolvimento, e Ignacy Sachs utilizou este conceito para o desenvolvimento de suas teorias, propondo seis aspectos que deveriam guiar os caminhos do ecodesenvolvimento: “[...] a) a satisfação das necessidades básicas; b) a solidariedade com as gerações futuras; c) a participação da população envolvida; d) a preservação dos recursos naturais e do meio ambiente em geral; e) a elaboração de um sistema social garantindo emprego, segurança social e respeito a outras culturas e, f) programas de educação” (CAVALCANTI, 1995, p. 31).

6 Gro Harlem Brundtland era membro da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, e criou um neologismo, *sustained development*, ou seja, desenvolvimento sustentável, para se referir às opções de desenvolvimento das futuras gerações (PANAYOTOU, 1994).

Nos encontros preparatórios para a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente, que aconteceria no Rio de Janeiro, Brasil, em 1992, a Comissão apresentou o relatório intitulado "Nosso Futuro Comum", publicado em 1987.

O relatório destaca a necessidade de nova postura ética, por meio da responsabilidade das gerações atuais para com as gerações futuras quanto ao crescimento da população e do uso de energias; à garantia de alimentação das populações ao longo do tempo; à preservação da biodiversidade; ao desenvolvimento de tecnologias limpas para a produção; à limitação das concentrações urbanas e ao atendimento das necessidades básicas do homem (BRÜSEKE, 1995; BARBIERI, 1997).

Nele desenvolvimento sustentável é definido como sendo "[...] aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem suas próprias necessidades" (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1991, p. 9). A partir desse conceito, vários entendimentos sobre sustentabilidade são defendidos, embora nenhum desqualifique as correntes de pensamento surgidas anteriormente; ao contrário, ajudam a enriquecer as discussões e as reflexões sobre os problemas políticos, éticos, ecológicos e culturais.

Nessa perspectiva, Mawhinney (2002, p. 12-13) traz à discussão mais concepções para o termo desenvolvimento sustentável, atribuídas por diferentes instituições internacionais e pensadores⁷, questionando a ideia de um único entendimento:

Desenvolvimento sustentável significa a melhoria da qualidade de vida com o respeito aos limites da capacidade dos ecossistemas.

O desenvolvimento sustentável proporciona serviços básicos de ordem ambiental, social e econômica a todos os residentes da comunidade sem ameaçar a viabilidade dos sistemas naturais, construídos e sociais dos quais estes serviços dependem.

Desenvolvimento sustentável é a redução dos níveis atuais de consumo de energia e de recursos e a redução da produção de lixo para que não haja dano aos sistemas naturais, cujos recursos, capacidade de absorção do lixo e de proporcionar condições de vida seguras e saudáveis serão fundamentais para as futuras gerações.

O desenvolvimento sustentável envolve a criação de programas nos países em desenvolvimento que contribuam diretamente para a melhoria da qualidade de vida da população mais carente.

Desenvolvimento sustentável é a necessidade do ser humano de viver em condições de igualdade com os recursos naturais.

7 As instituições internacionais e pensadores são: World Wildlife Fund; International Council for Local Environmental Initiatives; Local Government Management Board, UK; Novartis Foundation for Sustainable Development; Wackernal e Rees, 1996.

A partir do exposto, constata-se a existência de várias concepções para desenvolvimento sustentável, porém são similares quanto ao atendimento de necessidades. Algumas enfatizam mais a precisão de limitar o desenvolvimento ao que seja estritamente necessário, evitando problemas no futuro; outras acentuam uma abordagem mais equilibrada que abrange aspectos econômicos, ambientais e sociais.

O desenvolvimento sustentável deve resultar do crescimento econômico, que são os resultados medidos quantitativamente, mas precisam estar acompanhados de melhoria na qualidade de vida, que são os resultados medidos qualitativamente, o que significa melhorar indicadores sociais como pobreza, desemprego, desigualdade, condições de saúde, alimentação, educação e moradia. De acordo com Sachs (2004, p. 11), "O verdadeiro desenvolvimento é um crescimento econômico que se traduz em melhorias nos níveis sociais e ambientais".

Neste artigo não se pretende analisar as diferentes concepções de desenvolvimento sustentável, mas mostrar sob que enfoques as questões ambientais podem ser pensadas e discutidas. A abordagem que fundamenta esta reflexão, apoiada em Boff e Capra, procura trazer ao debate o conceito de modo de vida sustentável, não na perspectiva propriamente opostora ao conceito de desenvolvimento sustentável, que tem como pressuposto a sustentabilidade do homem e da sociedade, satisfazendo as necessidades da presente e das futuras gerações, mas complementar, na tentativa de ampliar o debate.

A noção de modo de vida sustentável implica em uma mudança paradigmática nas concepções, nos pensamentos e em uma revisão profunda de nossos valores, redimensionando as formas de relacionamento entre os homens e os seres vivos. O modo de vida sustentável parte de uma sociedade orientada para novo sentido de viver e de trabalhar, de produzir e preservar (BOFF, 2004).

O novo paradigma possui uma visão de mundo integradora, fundamentada na ecologia profunda, compreendido no sentido mais amplo e profundo de conexões, "[...] correções e também transformações culturais, sociais, espirituais e religiosas" (BOFF, 2004, p. 24). Isso leva a pensar que as relações econômicas e sociais e o crescimento econômico necessitam ser avaliados, rearticulados e repensados, tendo como pressuposto a preservação da ecologia e da justiça social.

Na perspectiva de Boff (2004) e Capra (2006), as profundas mudanças no pensamento devem vir acompanhadas de novos modos de vida. Neste, a responsabilidade individual e a coletiva, geradora de formas de vida, baseadas na solidariedade, são fundamentais para ocorrer as transformações nas relações da sociedade e o meio ambiente. Nessa concepção integradora, não há diferenciação entre o homem e a natureza, pois são reconhecidos os valores intrínsecos de todas as espécies e a sua importância para a sustentabilidade e a preservação do planeta.

Nesse sentido, percebe-se a necessidade da mudança paradigmática que se baseia no antropocentrismo, que eleva a capacidade extrema do homem de dominar a natureza e valores egocêntricos por novo paradigma integrador, centralizado em uma visão planetária e em valores ecocêntricos. Quando essa visão de mundo torna-se parte de nossa consciência, emerge nova ética - a ética do cuidado. Como lembra Boff (1999, p. 21), "Tudo o que existe e vive precisa ser cuidado para continuar a existir e a viver: uma planta, um animal, uma criança, um idoso, o planeta Terra".

A ética do cuidado exige respeito às diferenças, solidariedade, cordialidade, compaixão, compreensão, participação e diálogo. Logo, a viabilidade de um modo de vida sustentável será possível e factível a partir desses valores universais. Conforme afirma Boff (1999, p. 140), a partir de "[...] uma maneira mais cuidada de ser [...]", pois quando se cuida, se deseja o bem e se pratica o bem.

Assim, essa visão paradigmática propõe nova perspectiva de se encarar o crescimento e o desenvolvimento. O modo de vida sustentável, em contraponto à economia do crescimento ilimitado, tem como foco uma economia voltada para a satisfação da vida das pessoas e a preservação do meio ambiente. É preciso fazer da tecnologia uma produtora de bens para todos, capaz de propiciar formas de participação e de controle que escapem da alienação, garantindo uma vida saudável para as atuais e as futuras gerações (BOFF, 2008).

Nesse contexto, a sociedade precisa mudar suas formas de produzir, distribuir e consumir, produzindo o necessário para si e para o ecossistema, tirando da natureza o que ela consegue reproduzir. Isso significa adotar um modo de vida sustentável. A partir de uma revisão nas práticas cotidianas de produção e consumo dos bens, construir-se-á um modo de vida sustentável. Entretanto, como afirma Capra (2006, p. 182), a evolução da sociedade está diretamente "[...] ligada a mudanças no sistema de valores que serve de base a todas as suas manifestações". E complementa: "Uma vez expresso e codificado o conjunto de valores [...], ele constituirá a estrutura das percepções, intuições e opções da sociedade para que haja inovação e adaptação social".

Os debates sobre as questões ambientais que derivaram dos encontros, das reuniões e dos relatórios internacionais realizados, especialmente a partir dos anos 70, chamaram a atenção para a importância, sob diferentes perspectivas, de uma mudança nas formas de desenvolvimento e crescimento econômico. Além disso, apontaram a necessidade da participação da sociedade no planejamento e na execução de políticas ambientais e sociais, nos níveis local e global, visando a responsabilizar os atores sociais e a propor ações sociais e ambientais a partir de práticas sustentáveis.

A prática do trabalho artesanal feminino, por meio do uso de materiais reciclados, pode ser pensada como ação de participação social na construção de um modo de vida sustentável, pois se constitui em uma prática que ajuda na preservação do meio ambiente.

3 PRÁTICAS DO TRABALHO ARTESANAL FEMININO, PRESERVAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO MODO DE VIDA SUSTENTÁVEL

A pesquisa realizada em 2009, em Lajeado, com um grupo organizado de mulheres artesãs participantes da Associação dos Artesãos do Alto Taquari, no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, teve o objetivo de compreender como as práticas do trabalho artesanal feminino auxiliam na preservação do meio ambiente e na construção de um modo de vida sustentável.

A partir das narrativas das artesãs⁸ sobre suas práticas, foi possível refletir sobre qual é o papel da mulher na preservação do ambiente e na construção de um modo de vida sustentável, como ver-se-á a seguir.

Guardo todas as sobras, de tecido, de lã, tinta, o que for. Não coloco nada fora. Tudo dá pra aproveitar. Inclusive, quando ando pelas ruas, fico sempre de olho para ver se há alguma coisa jogada fora que eu posso utilizar. Já trouxe pra casa muitos pedaços de caixas, dessas de frutas e verduras, sabe, atiradas nos pátios de supermercados. Lixo e pinto a madeira, depois faço um enfeite com flores ou com frutas e transformo em arranjo pra cozinha, sala de festas. Não faço isso porque vou ter mais lucro. Faço por consciência. A natureza está mostrando sua revolta e, se cada um de nós não fizer a sua parte, vamos morrer soterrados no nosso próprio lixo. Sustentável pra mim é mudar a forma de ver e fazer as coisas [...], mas eu acho que as pessoas já estão se dando conta disso (Ângela, 47 anos).

Alguns restaurantes e cachorrões⁹ daqui (Estrela-RS) me conhecem e guardam as latas de milho, de ervilha e cerveja pra mim. Com as latas de milho e ervilha eu faço as peças para decoração e para uso em cozinha e, com as latinhas de cerveja, faço rosas [...], depois coloco nos cabideiros¹⁰ de madeira. Fica lindo! São vários dias de trabalho até que uma peça fica pronta [...], mas vale a pena. O lixo realmente vira arte, e eu acho que isso é sustentabilidade (silêncio), com responsabilidade, com qualidade e criatividade (Helena, 42 anos).

Restaurar uma imagem sacra é muito mais complicado do que fazer uma nova. Primeiro preciso conhecer de que material foi feita, as cores originais e avaliar o estado de deterioração da peça. Tudo isso é um trabalho muito demorado [...], mas gratificante quando se observa a reação das pessoas ao ver a peça renovada. Além disso, ajudo a resgatar histórias, como a peça de uma senhora de Estrela que tinha mais de 80 anos. E ajudo a preservar o meio ambiente, porque se essa peça não fosse restaurada, talvez seria colocada fora (Valquiria, 40 anos).

Observa-se nas narrativas das artesãs que as suas práticas estão intimamente ligadas com o que “guardam das sobras de matéria-prima” que são reaproveitadas nas confecções e criações de artefatos artesanais. Essa ação

8 Os nomes utilizados para as artesãs são fictícios, visando a preservar suas identidades e privacidade.

9 São estabelecimentos comerciais na área de alimentos especializados em lanches.

10 Cabideiro, aqui, refere-se a um móvel de madeira, com pequenos braços, apropriado para pendurar chaves, chapéus e bolsas de mão. As rosas, feitas com latas de cerveja, são pintadas e colocadas sobre a madeira, visando a decorar a peça.

remete ao cuidado, como lembra Boff (2009, p. 88): “[...] o cuidado funda a primeira atitude ética fundamental, capaz de salvaguardar a Terra como um sistema vivo e complexo, proteger a vida, garantir os direitos dos seres humanos e todas as criaturas, a convivência em solidariedade, compreensão, com-paixão e amor”. Assim, é possível fundar a ética de um planeta sustentável.

Outro elemento percebido no estudo foi a construção de uma rede de sociabilidade entre as artesãs e outros atores sociais da comunidade local, pessoas que fornecem as matérias-primas para a realização do trabalho das pesquisadas. As latas e outros resíduos descartados fazem parte de uma rede mais complexa da cadeia produtiva, resultado do processo de industrialização e desenvolvimento econômico.

Nas mãos das artesãs eles, entretanto, são transformados em arte, adquirindo novo uso social. A rede de relações constituídas pelas artesãs e outros atores que participam de atividades produtivas, tais como os estabelecimentos comerciais, é responsável pela criação de uma rede social que possibilita mudanças de comportamento, reflete em uma ação sustentável para o ambiente, pois a adoção dessa prática reduz a geração de lixo e de poluição ambiental.

Nas narrativas das artesãs foi possível ainda perceber qual o entendimento delas sobre o papel dos cidadãos na construção de um mundo sustentável e quais as perspectivas de futuro para o meio ambiente e o planeta.

Eu acho que as pessoas estão ficando mais conscientes das questões ambientais. A TV, o rádio, os jornais toda hora estão falando e mostrando isso. Eu separo o lixo há muitos anos. Ensinava meus alunos na época da escola a fazer também. Inclusive fazíamos brinquedos com embalagens recicladas [...]. O artesanato é um exemplo que quase tudo pode ser aproveitado: com sobras de fios e arames crio enfeites, com o cone de linha faço embalagens [...]. Sou cuidadosa com isso porque acho que cada um tem que fazer a sua parte, e não é difícil [...] (Renata, 52 anos).

No artesanato muitas coisas podem ser feitas com materiais que iriam para o lixo. Com o filtro de café usado, por exemplo, eu já forrei abajur, tonéis grandes de papelão, que eram velhos, feios. Depois de pronto fica como se fosse uma peça novinha. Claro que para fazer isso é preciso ter vontade, iniciativa, dedicação, mas em geral as pessoas estão percebendo que é preciso mudar hábitos. Eu tenho esperança num mundo melhor (Marinês, 42 anos).

A maturidade nos ensina a ser pessoas mais conscientes, em todos os sentidos. Temos muitos problemas ambientais, mas, ao mesmo tempo, acho que é possível reverter a situação (Denise, 56 anos).

O mesmo cuidado que eu tenho no artesanato eu tenho nas outras coisas. É uma questão de educação. E a nova geração que está vindo é muito mais consciente disso. Eu vejo pelo filho, que chega da escola contando o que aprendeu e cobra da gente novos comportamentos. Por isso, eu sou otimista com o futuro (Valquiria, 40 anos).

Observa-se que a prática do trabalho artesanal está centrada na ação de reciclar resíduos que, se não fossem reutilizados, iriam parar no lixo. Isso aponta

para a mudança de comportamento dos cidadãos em relação ao consumo, pois os resíduos e dejetos podem ter outras utilidades após serem reciclados. Assim, a responsabilidade dos cidadãos pela preservação do ambiente começa pelas nossas atitudes cotidianas e pode se estender também para outras esferas da vida social.

Nesse sentido, a prática do trabalho artesanal com o uso de materiais recicláveis, pode contribuir para a preservação do meio ambiente e para a construção de um modo de vida sustentável. Entretanto, conforme aponta Ribeiro (2005, p. 398), "Para a aprendizagem do viver sustentável, a arte adquire realce especial"; na arte de transformar um pedaço de tecido em pano de prato, em trilho de mesa, em fuxico; na arte de transformar lata em objeto decorativo e utilitário; na arte de transformar linha em roupa, em colcha, em tapete; na arte de reaproveitar materiais e fazer surgir tantas outras formas quanto a mente seja capaz de imaginar. A arte possibilita comunicação imediata, pois toca as emoções, os sentimentos, a sensibilidade, elementos importantes que estimulam as mudanças de consciência e o comportamento dos cidadãos.

A tomada de consciência dos cidadãos na construção de um mundo sustentável passa, no entanto, pela educação, pelo aprendizado da escola e pelo acesso às informações ambientais veiculadas pelos meios de comunicação (rádio, TV, jornais, revistas, entre outros). A qualidade da informação e o acesso a ela auxilia na forma de participação e atuação dos sujeitos no meio que vivem.

Nessa abordagem, o papel da mulher na comunidade transformando os objetos por meio da reciclagem de materiais se constitui em uma ação de sustentabilidade para o meio ambiente. As práticas artesanais podem ajudar a sensibilizar a sociedade para a importância de cuidar dos espaços públicos da sua cidade e do ambiente em que vivem, motivando mais pessoas a assumir a sua responsabilidade em relação ao planeta.

A crise ambiental contemporânea parece não abalar as perspectivas de futuro das artesãs. Elas são otimistas em relação ao futuro do meio ambiente e ao do planeta, os quais dependem das ações humanas. Nas narrativas expressam que há esperança e confiança em dias melhores. Contudo, a esperança das artesãs precisa ser implementada com a ação de outros atores que fazem parte da rede social, tal como o papel da mídia como meio de tornar acessível as informações, as escolas na promoção da educação ambiental, na conscientização social e na sensibilização dos cidadãos a respeito dos problemas socioambientais.

A preservação do meio ambiente e a construção de um modo de vida sustentável podem sair do plano utópico por meio da interligação das ações individuais dos atores sociais em articulação e conexão com ações que definem a rede de relações que se estabelece no coletivo. Assim, para compreender o efeito coletivo das práticas do trabalho das artesãs da Associação dos Artesãos do Alto Taquari, precisa-se verificar quais os impactos que as práticas do ato de reciclar e preservar trazem ao meio ambiente e aos seres que nele vivem. Certamente, deve-se mencionar a dimensão subjetiva, pois é por meio dela que

ocorre a transformação do “eu profundo” do homem em uma consciência mais elevada, capaz de revitalizar o sentimento solidário com outros seres que habitam e compartilham o planeta.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação com a preservação do meio ambiente e a construção de um modo de vida sustentável ganham importância no final dos anos 60 e início dos anos 70, quando surgem as discussões sobre os problemas globais do planeta. A percepção de que os recursos naturais são finitos e encontram-se em vias de saturação trouxeram a necessidade de reflexão sobre crescimento, desenvolvimento e sustentabilidade, abrindo possibilidades para novos diálogos a respeito do tema e a necessidade de discutir mudanças nas ações do homem e o ambiente.

Em meio a esse complexo desafio observa-se que as mulheres artesãs participantes deste estudo utilizam materiais reciclados e aproveitam “sobras” de matéria-prima nas suas criações, tais como latas, tecidos, linhas, madeiras, embalagens, entre outros, assim como restauram peças, indicando possibilidades de reconhecimento das práticas do trabalho artesanal como ações sustentáveis para o ambiente e a construção de um modo de vida sustentável.

As práticas do trabalho artesanal devem ser compreendidas como um começo, uma iniciativa, na construção de uma consciência planetária, pois esse processo envolve um conjunto de ações de outros atores sociais. A participação social dos cidadãos na construção de ações sustentáveis para o meio ambiente depende de fatores conjugados, como o acesso às informações e à educação ambiental. A prática de uma educação que considere a ética do cuidado como um dos princípios que devem nortear as relações humanas na preservação ambiental e a construção de um modo de vida sustentável é uma atitude que aponta novo comportamento e a formação de nova consciência planetária, pois possibilita a transformação na visão e nas práticas do desperdício, do consumo e do mundo como algo descartável.

A partir deste estudo, refletiu-se sobre a complexidade que envolve a construção de ações sustentáveis. Elas dependem das escolhas, decisões e das ações cotidianas do homem. Nesse processo, a participação e o engajamento de todos são fundamentais, pois, para que as transformações ocorram em nível planetário, é necessário que ocorram também em nível local. Quando houver essa sincronização, conseguir-se-á mudar as atitudes internas e subjetivas, o nosso “eu profundo”, e tal energia passa a se propagar e atuar em toda a cadeia, mobilizando e transformando a rede de relações de forma integral. Acredita-se que este é um caminho que possibilita minimizar os impactos da ação humana no meio ambiente, conduzindo, assim, a um modo de vida sustentável.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernando. **O bom negócio da sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BARBIERI, José Carlos. **Desenvolvimento e meio ambiente**: as estratégias de mudanças da agenda 21. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Ecologia**: grito da terra, grito dos pobres. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

_____. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. **Ethos Mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BRÜSEKE, Franz Josef. O problema do desenvolvimento sustentável. In: CAVALCANTI, Clóvis (Org). **Desenvolvimento e Natureza**: estudos para uma sociedade sustentável. São Paulo: Cortez; Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco, 1995.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivo. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAVALCANTI, Clóvis (org). **Desenvolvimento e natureza**: estudos para uma sociedade sustentável. São Paulo: Cortez, 1995.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. 2. ed. Rio de Janeiro. FGV, 1991.

MAWHINNEY, Mark. **Desenvolvimento sustentável**: uma introdução ao debate ecológico. São Paulo: Loyola, 2002.

PANAYOTOU, T. **Mercados verdes**: a economia do desenvolvimento alternativo. Rio de Janeiro: Nórdica, 1994.

RIBEIRO, Maurício Andrés. **Ecologizar**: pensando o ambiente humano. Brasília: Universa, 2005.

SACHS, Ignacy. Coração brasileiro. **Revista Isto É**, n. 1811, jun. 2004.

SATO, Michèle; SANTOS, José Eduardo. **Agenda 21 em sinopse**. Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1996.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento econômico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

